



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO: SÍMBOLO DE MODERNIDADE E PODER

Autor/ Marcos André Nascimento de Jesus ¹

Resumo: Este artigo tem por finalidade analisar a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e a sua interação com a **sociedade** fortalezense entre os anos de 1812 e 1835 sob a ótica da modernidade e urbanização da então Vila da Fortaleza. Esse **lugar**, criado e usado pelos homens, produziu **experiências** e **práticas** sociais ambíguas e contraditórias transformando-o em um **espaço** onde foram vivenciadas relações políticas, econômicas e sociais em seu entorno, causando momentos de tensões e euforias. A Fortaleza empresta à Cidade seu nome: “*Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção Capitania do Ceará Grande*”, a institucionaliza, dando-lhe “*vida jurídica*”, sendo elevada à Capital da Capitania, integrando-se com os seus habitantes, que a compõem dentro de um escopo social, espacial e histórico, dando o tom de uma “*nova era*” que estava porvir no espaço que estava assumindo o *status* de capital da recém-criada Capitania do Ceará. Partindo da História Social e Urbana, dialogamos, também com a Sociologia e a Geografia, com o objetivo de ampliar a discussão sobre o nosso objeto de estudo, amplificando conceitos como espaço, lugar, paisagem, experiência e sociedade de uma maneira mais crítica, heurística, dialética e plural. Entender como indivíduos construíram suas experiências, por intermédio de práticas sociais, usando esses espaços de múltiplas formas, dentro e nas imediações da Fortaleza, é um dos objetivos desse trabalho. Apontar os sentidos múltiplos que essas pessoas deram no seu fazer cotidiano citadino na Vila/Cidade da(e) Fortaleza no início do Século XIX, é trazer à baila a significação e o simbolismo que o ser humano é capaz de dar aos espaços chamados de “Fortalezas”.

Palavras-chave: Espaço; Sociedade; Experiência.

O presente artigo pretende analisar a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e a sua interação e integração com a sociedade fortalezense no espaço urbano, delimitando tematicamente, as ações e eventos ocorridos no período entre 1812, marco inicial da nova construção e configuração da atual Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, e 1835, ano da criação dos Códigos de Posturas da Cidade de Fortaleza, aprovada pela Assembleia Legislativa Provincial, onde foram estabelecidas condutas a serem obedecidas dentro de uma ótica que procurava dar organicidade à Cidade de Fortaleza em busca de um sentido urbano.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Espacialidades da UECE.
E-mail: marcos.jesus@aluno.uece.br.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Esse espaço criado e usado pelos homens, produziu experiências e práticas sociais, transformando-o em lugares onde foram vivenciadas relações políticas, econômicas e sociais em sua área circundante. A Fortaleza empresta à Cidade seu nome: “*Villa da Fortaleza de N. S. d’Assumpção, Capitania do Ceará-Grande*” (NOGUEIRA DA FONSECA, 1888), a institucionaliza, dando-lhe “*vida jurídica*” (NOGUEIRA DA FONSECA, 1888), integrando-se com os seus habitantes, que a compõem dentro de um escopo social, espacial e histórico.

A relação entre a Fortaleza e a Vila/Cidade foi estabelecida no decorrer do tempo histórico, na criação de espaços físicos e simbólicos (BOURDIEU, 1998) que foram configurados, reconfigurados e incorporados pela sociedade da época, por intermédio das práticas do cotidiano (CERTEAU, 2014).

A construção da nova Fortaleza estava inserida dentro do *Plano de Modernização da Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção*, conforme o Livro de Atas da Casa da Câmara de Fortaleza de 8 julho de 1812 (CASTRO, 1994). Esse Plano foi elaborado pelo Tenente-Coronel de Engenheiros Antônio José da Silva Paulet (1778-1837), Ajudante de Ordens do então Governador da Capitania do Ceará Manoel Ignácio de Sampaio e Pina Freire (1778-1856). Logo, a execução desse intuito acabou impactando várias áreas do campo político, econômico e social da Vila/cidade da(e) Fortaleza, criando um vínculo, com a sociedade local, de significados múltiplos (CERTEAU, 2014) como veremos a seguir.

Após o ano de 1817, ocorreu uma série de agitações sociais e políticas que atingiram a Capitania do Ceará e sua Capital (ARARIPE, 1919). Ideias e fatos vindos de fora do Brasil, reverberaram e encontraram acolhimento na sociedade cearense, marcando esse período como um tempo de instabilidade política e violência social. A Fortaleza ficou como “*espectadora*” dos fatos históricos ocorridos no seu interior e em suas proximidades, interagindo mais uma vez com a sociedade, tornando-se um espaço onde foram vivenciadas experiências individuais e coletivas, como a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador em 1824, marcadas por confrontos e violências.

Nesses eventos, uniram-se um objeto material e ações de pessoas, em que se depositaram no lugar “*um instante do tempo e um ponto do espaço*”



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

(EDDINGTON, 1968, apud SANTOS, 2006). Assim, a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção esteve diretamente ou indiretamente envolvida em ações e atos de pessoas, transformando-se em um espaço e lugares de experiências sociais diversas em que eventos foram realizados, vivenciados e experimentados, marcando assim violências e celebrações na Vila/Cidade da(e) Fortaleza na urbe fortalezense no início do século XIX.

Se por um lado foram produzidas violências, onde foram ceifadas vidas de personalidades conhecidas e tidas como relevantes para a sociedade fortalezense, como na Revolução Pernambucana de 1817 e na Confederação do Equador em 1824. Por outro lado, a Fortaleza, mais uma vez, torna-se uma referência histórica, sendo “palco” de celebrações de cunho popular, como em uma festa ocorrida no ano de 1831, em reconhecimento de D. Pedro II como Imperador do Brasil e a abdicação de D. Pedro I ao trono. Assim, esse ambiente estruturado e habitado por pessoas, passou a adquirir um sentido, que expressava e configurava um cenário, metamorfoseando-se, naquele momento, em centro de entretenimento citadino, unindo indivíduos de vários estratos sociais.

Essas características elencadas da Fortaleza e da Vila/Cidade da(e), evocaram eventos sociais, marcando, no decorrer do tempo histórico, a relação de um objeto construído de “tijolo e cal” e a própria sociedade fortalezense e seus transeuntes, constituindo-se em sentimentos de pertence, de corpos e mentes, estabelecendo ações humanas no binômio espaço/tempo, em que a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção aparece entre urbanismo, violências e celebrações

Ao trazer à baila a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, como um monumento e símbolo urbano, integrando-se à Vila/Cidade da(e) Fortaleza em um movimento unívoco para dar sentido múltiplos às modificações espaciais e aos ordenamentos jurídicos impostos à sociedade da época, bem como destacar as violências e celebrações ocorridas nas proximidades dessa estrutura “aparentemente” militar, que incorporou uma polissemia de sentidos para sociedade que vivenciou esses espaços, realçamos a importância desta temática para o campo da História social e militar.

Ao estudar sobre a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e a cidade de mesmo nome, interessou termos nossa atenção para a construção de um espaço, que foi um



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

lugar de poder e modernidade, simultaneamente, e a sua interação e integração com a sociedade, que partilhava suas experiências e práticas cotidianas no seu interior e arredores. Ao nos deter nesse movimento de corpos e no surgimento de instituições que foram criadas em seu interior e redondezas, procuramos estabelecer um elo de ligação entre o espaço criado e a **sociedade** fortalezense, com a finalidade de perceber como as experiências sociais (YI-FU, 1983, CERTEAU, 2014) foram produzidas dentro desse espaço, por intermédio de ritos oficiais (GENNEP, 2011) e, ainda, como as celebrações e as execuções, criaram um espaço de sociabilidade nas primeiras décadas do século XIX na Vila/Cidade da(e) de Fortaleza.

É dentro desta ótica que orbita este artigo. Nos interessa conhecer alguns sujeitos que circularam dentro e ao redor desse espaço, e perceber como as instituições e a sociedade dialogavam com esse espaço, e como foram interpretadas, pelos atores sociais, as mudanças de significação do espaço a partir de suas próprias experiências, preestabelecendo e estabelecendo relações afetivas com esse espaço/ lugar, constituindo-se em dramas e tramas sociais presenciados e vivenciados pelos atores e sujeitos sociais, que geraram tensões nesse espaço/lugar nominado de Fortaleza, institucionalizado pelas autoridades locais, e a sociedade fortalezense, dando-lhe um lugar de pertencimento.

Assim, este texto se propõe a observar a construção de um espaço/lugar, para além de sua configuração geográfica e arquitetônica, focando nas práticas sociais, onde estão inseridas as experiências individuais e coletivas, *“percebendo o espaço como produto social”* (SOJA, 1989, apud LÖW, 2013), fruto da intervenção do homem e, *“portanto, algo histórico e a ser historicizado”* (RIBEIRO, 2011).

O objetivo do artigo é Analisar a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e a sociedade fortalezense dentro de uma *“perspectiva espaço-temporal”*, realçando a urbanização da cidade, os sentidos das Fortalezas para a sociedade e instituições; as violências e as celebrações ocorridas como experiências sociais vivenciadas em seu interior e em seu espaço circundante no período entre 1812 e 1835.

Ao trazer o olhar da Geografia para o texto, foi possível observar o diálogo tensionado entre o tempo, espaço e lugar. Utilizando os escritos dos Geógrafos Milton



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

Santos e Tuan Yi-Fu, foi possível estabelecer um diálogo atualizado com outros campos do conhecimento científico, fazendo assim uma discussão interdisciplinar.

A partir desta construção espacial no tempo, com o tempo e pelo tempo (SANTOS, 2006, apud YI-FU, 1983), observamos com maior nitidez como a formação da cidade em volta da Fortaleza, foi criando e estabelecendo um espaço/lugar de pertencimento a partir das práticas sociais gestadas nesses territórios em consequência das ações governamentais que elaboraram a organização urbana da cidade, a partir da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Essa organicidade cidadina foi projetada dentro de um traçado “xadrez” nos moldes estabelecidos em Portugal, com um intuito de dar relevância a nova condição econômica, social e política que a Vila da Fortaleza adquirira.

Esse vínculo imagético, simbólico das “Fortalezas” (BORUDIER, 1998), criou na população que experienciou esses espaços uma identidade e uma representatividade (CHARTIER, 1990, apud CERTEAU, 2014) ligadas às ideias do moderno, do urbano, da defesa, da proteção da Vila/Cidade e de poder (FOUCAULT, 1984), enfim “*um espaço localizado e praticado*” e vivenciado pelas ações efetivas de seus habitantes (CERTEAU, 2014), compondo um cabedal de signos e formas.

Neste sentido, percebemos como os indivíduos e a sociedade, com suas experiências puderam ser a causa e consequência da criação dos espaços/lugares (CERTEAU, 2014), dentro de ordenamentos políticos, econômicos, sociais e jurídicos da Fortaleza do início do século XIX.

Assim, aferimos que as estruturas, espaciais e orgânicas, utilizadas como movimentos produzidos pelos sujeitos no tempo histórico, interpretaram e reinterpretaram as finalidades territoriais, usando e reutilizando esses espaços/lugares.

Segundo José D’Assunção Barros, a História Social expressa e tem por tarefa promover uma síntese de aspectos relacionados a várias dimensões e domínios historiográficos. A partir desta perspectiva, analisamos como as práticas sociais (CERTEAU, 2014), vivenciadas pelos homens e mulheres no início do século XIX, deram vida às “Fortalezas”, interagindo no espaço, com espaço e pelo espaço. Deste modo, acreditamos ser possível compreender as práticas sociais e as tensões sofridas e realizadas por sujeitos, que experimentaram os espaços e lugares no início do século XIX.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Para dar conta da temática do texto, empregamos, primeiramente, o conceito de *espaço*, elaborado pela socióloga Martina Löw, como um produto da ação pessoal. Foi na ação de indivíduos, que a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção ganhou uma nova forma de ser concebida pelos governantes e percebida pela sociedade: “*tijolo e cal*”, simbolizando não só a modernidade arquitetônica e urbanística da cidade, mais também um espaço que representava e exalava poder, que experimentava ritos oficiais, “*vendo*” conflitos, violências e celebrações, dando um novo “*status*” para a Vila da Fortaleza de uma proeminência urbana sobre às demais Vilas da Capitania do Ceará.

Esse espaço, onde o tempo histórico é acumulado, (BARROS, 2017) pode ser “*estável*”, instável, de encontros e desencontros, de “*apegos*” e desapegos, enfim é um lugar de experiências que abarcaram sentimentos, diametralmente, opostos, a partir de uma percepção individual ou coletiva. Com isso, aplicamos, também, a noção de espaço e lugar elaborados por Michel de Certeau, onde o “*lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições*” (CERTEAU, 2014), indicando uma “*estabilidade*”, enquanto “*o espaço é um cruzamento de móveis*” (CERTEAU, 2014), “*em suma, o espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 2014), em que o ser humano circula e articula suas experiências vivenciadas no tempo a partir de sua visão e concepção de mundo.

Deste modo, o espaço urbano foi idealizado pelas instituições e homens que habitavam o território cearense no início do século XIX, como as Casas da Câmara de Fortaleza, atual Câmara Municipal de Fortaleza, e como o Governador Sampaio e o seu Ajundate Geral, o Engenheiro Militar Silva Paulet. Essa associação da máquina administrativa colonial e seu corpo administrativo foram os responsáveis pelo projeto e planejamento do espaço urbano da Vila/Cidade da(e) Fortaleza, configurando e normatizando os traçados de suas ruas, que foram transformadas em “*espaços*” pelos transeuntes (CERTEAU, 2014). Assim, percebemos como pessoas vivenciaram uma época e se apropriaram dessa “*materialidade*” física, artificializada e “*social*” dos espaços/lugares (SANTOS, 2006), expressando suas práticas sociais cotidianas.

O conceito de espacialidade diferencial (BARROS, 2017), expressa a multiplicidade formada pelas diferentes representações espaciais, permitindo analisar como a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção vai ganhando significações múltiplas em uma “*perspectiva diacrônica*” com relação à cidade e seus atores sociais no tempo



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

histórico. Em um primeiro momento, o espaço deixa de ser exclusivamente militar, para ir se configurando em um espaço religioso, onde existiu uma capela (NOGUEIRA DA FONSECA, 1888); administrativo (MAGALHÃES, 2019), em que foi se compondo com a Vila/cidade num mosaico e em uma **paisagem**, que segundo Milton Santos é uma figura, uma fração de aparência territorial ou geográfica.

Dessa maneira, o planejamento urbano proposto por instituições, mediante confecções de arcabouços jurídicos, deram sustentabilidade e efetividade ao planejado (NOGUEIRA DA FONSECA, 1888). Assim, “*nasceu*” dentro do forte uma cadeia do crime, lugar de controle de corpos (FOUCAULT, 1987) e local em que foram realizadas diversas execuções; e, por último, um lugar festivo, em que foram realizadas diversas celebrações de cunho político e religioso (NOGUEIRA DA FONSECA, 1888).

Essa pluralidade de especificidades dado a esse monumento criado, artificializado pelos homens, vai compondo uma fotografia, uma paisagem urbana que interferiu no ambiente natural da Vila/Cidade da(e) Fortaleza, exercendo nos usuários, que se movimentaram nesses espaços, uma regra, uma conduta (FOUCAULT, 1984), um modo de se portar nesses espaços e lugares, por intermédio dos Códigos de Posturas, que foram impostos à sociedade.

Segundo Raimundo Girão, o “*urbanismo é disciplina é diretriz*”, assim as cidades modernas devem ser planejadas, artificialmente, pelo aparato administrativo e, “[...] não devem [...] crescer sem as modelagens e as correções que a ciência urbanista sabe impor, a fim de carrear o crescimento urbano para um sentido adequado e lógico[...]”, objetivando com este proceder consequências que vão gerar e “[...] encontrar melhores condições de vida para o aglomerado habitante” (GIRÃO, 1979).

Aplicamos aqui o conceito de sociedade e poder elaborado por Foucault, em seus livros *Microfísica do Poder* (1984) e *Vigiar e Punir* (1987), nos quais o autor procurava observar a constituição do controle de corpos e mentes num determinado lugar na sociedade, em que há uma ocupação planejada, articulada e determinada pelas instituições, de um “*espaço visível*”.

Assim, com a finalidade de identificarmos com “quem ou o que” esteve exercendo o poder político, militar, social, religioso, econômico e jurídico, na Vila/Cidade da(e) no período estudado, trouxemos esses conceitos para o texto, para



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 FAEC/UECE - CRATEÚS

entendermos que o poder é um jogo de forças presente em todas as relações humanas (FOUCAULT, 1984).

Partindo do conceito de Rito, onde ele se torna uma ferramenta de controle simbólico social (VEN GENNEP, 2011); uma invenção (HOBSBAWN, 1984) e uma institucionalização da ordem social onde emerge (LEOPOLDI, 1978), analisamos como foi impactada a sociedade fortalezense nas práticas rituais vivenciadas no espaço da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção nas primeiras décadas do Século XIX.

Utilizamos, ainda, o conceito de Experiência Histórica do Doutor em História Ricardo Gaspar Müller, na sua Tese de doutorado na USP em 2002, em que o autor afirma que a experiência constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculização, recusa, é um processo de formação de identidades de grupos sociais.

Deste modo, partindo deste conceito, somamos o conceito de experiência elaborado por Tuan Yi-Fu, indicando que “[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. “Experenciar é aprender[...]” (YI-FU, 1983). Ela “[...] pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos”. (YI-FU, 1983).

A partir destes arcabouços conceituais supracitados, analisamos o objeto Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção numa concepção mentalizada e definida em que “a **história** é sempre, também, um produto espacializado, a **geografia** uma formação que se modifica temporalmente em termos sociais, e a **sociedade**, estruturada espacial e temporalmente” (LÖW, 2013, grifos nosso) e considera que os “objetos/seres humanos/eventos são associados” (KANT, apud LÖW, 2013).

..... Nestes sentidos buscamos perceber os movimentos elaborados pelos sujeitos sociais, a dinâmica do poder, do discurso, do “caleidoscópio” espacial, onde no percurso temporal, conceitos e percepções vão mudando e metamorforziando o significado e o significante, segundo as experiências individuais e coletivas vivenciadas.

As Revistas do Instituto do Ceará dos anos 1888 e 1900 relataram como foi a Revolução Pernambucana de 1817, bem como a participação de seus agentes históricos e como essas experiências, reverberaram na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

nas suas circunvizinhanças, resultando em condenações, prisões, confissões, execuções e absolvições.

Sobre os fatos que ocorreram no interior da Fortaleza, houve uma querela historiográfica em relação à Bárbara de Alencar, a qual podemos perceber uma tensa disputa pelo controle do discurso historiográfico em torno do lugar/espaço onde ela esteve presa: a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. O Doutor Pedro Theberge, João Brígido, Paulino Nogueira, João Nogueira e Carlos Studart entraram nessa “batalha”, tendo como fonte oral a memória de algumas pessoas que, supostamente, presenciaram o fato. É a partir desses documentos produzidos, por esses autores, é possível analisar e perceber como a história é um campo vivo de disputa de narrativas e discursos.

A Confederação do Equador de 1824, foi outro evento que perpassa a cidade e o forte. Por intermédio das Revistas do Instituto do Ceará dos anos de 1888, 1900, 1902 e as Cartas de José Martiniano de Alencar e João de Andrade Pessoa Anta, em 1825, ambas transcritas dos originais arquivados na Biblioteca Nacional é possível analisá-las. Essas cartas estavam endereçadas à Manuel do Nascimento Castro e Silva, que tinha sido Secretário do então Presidente da Província do Ceará Costa Barros, e que fora nomeado Presidente do Rio Grande do Norte em dezembro de 1824 e estava na Corte naquele momento. Esses agentes históricos pediam para que ele interviesse, junto ao Imperador, em suas absolvições. O Decreto Imperial que instalou a Comissão Militar, que julgou os réus da Confederação do Equador no Ceará, por crime lesa-pátria, veio na esteira da suspensão das garantias individuais preconizadas pela Constituição de 1824, que fora outorgada pelo Imperador D. Pedro I. Do veredito dado por esse Órgão governamental, os condenados foram colocados nas prisões e alocados na Fortaleza, esperando a ordem de serem executados ou absolvidos. Na decisão da Comissão Militar em absolver José Martiniano de Alencar e condenar à pena capital João de Andrade Pessoa Anta, é possível inferir que o fator político e o poder de influência dos Alancares foram as causas determinantes para absolvição do membro dessa família.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Nos documentos ora apresentados, foi possível investigar como foram vividos os momentos finais dos seguintes condenados: Padre Mororó; João Andrade Pessoa Anta; Francisco Miguel Pereira Ibiapina, Luiz Ignácio de Azevedo Bolão e Feliciano José da Silva Carapinima. Assim, analisamos, a partir desse enfoque, à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção como um espaço de “*poder real e simbólico*”, cuja prisão, a execução e a morte circunscreveram e adentraram ao seu perímetro, impactando as experiências da sociedade diante de tais fatos.

Na vida social, as **celebrações** foram registradas nas Revistas do Instituto do Ceará dos anos de 1888, 1898 e 1900, em que relataram o cotidiano social e cultural da sociedade fortalezense e suas festas no espaço da Fortaleza nas primeiras décadas do século XIX. O marco inicial da festividade começa com o lançamento dos fundamentos da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção registrado no Auto de Demarcação em 12 de outubro de 1812, dia do aniversário do Príncipe da Beira², Príncipe D. Pedro de Alcântara, perante a Câmara de Fortaleza e a população fortalezense (STUDART, 1896, apud CASTRO, 2012).

A Revista do Instituto do Ceará de 1889 descreve uma festa na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em 12 de outubro de 1816 para comemorar à elevação do Brasil à categoria de Vice-Reino, conforme o Decreto Imperial de 16 de dezembro de 1815, em que teve o Padre Mororó como orador. Aqui podemos observar como a percepção do espaço muda de significado, conforme a posição em que ocupa os atores sociais em um determinado tempo: em 1816 o Padre Mororó foi prestigiado como orador do evento, pelo Governador e as autoridades. Nesse tempo, para este personagem, o espaço foi traduzido como um espaço de poder, prestígio e conagração, contudo em 1825 o mesmo espaço era traduzido como prisão, desgraça, martírio e morte.

Podemos, ainda, observar, na Revista do Instituto do Ceará de 1900, um documento histórico, datado de 16 de outubro de 1817, no qual descreve uma festa na Fortaleza, nos primeiros dias de outubro do referido ano, em comemoração ao aniversário do então “*Príncipe Real do Reino Unido*” D. Pedro de Alcântara, em 12 de

² Príncipe da Beira: título nobiliárquico português dado ao primogênito do herdeiro da Coroa Portuguesa.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

outubro e à derrocada da Revolução Pernambucana de 1817, tornando-se perceptível os roteiros das solenidades que foram realizadas, alguns sujeitos, de elevada posição social que estavam presentes, bem como a tensão deixada por essa Revolução na cidade de Fortaleza. Dessa maneira, a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção se torna, nesse evento, um espaço de sociabilidade para a população fortalezense.

A Revista do Instituto do Ceará de 1898 transcreveu um evento, publicado pelo Jornal O Semanário Constitucional, número 40, que descrevia as festividades ocorridas em 29 de maio de 1831 na cidade de Fortaleza, em que se comemorava o reconhecimento de D. Pedro II como Imperador do Brasil. A Fortaleza participou, ativamente, da festividade com salvas de tiro, mostrando uma sinergia com a população local e estabelecendo um vínculo físico e simbólico com os agentes históricos que participaram daquele acontecimento.

Os recortes dos acontecimentos ora narrados perpassaram pelo Brasil em três momentos político-administrativos de sua história, a saber: o Brasil Colonial (1812-1815), o Brasil Vice-Reino (1815-1822) e o Brasil Império (1822-1831). Esses eventos políticos e administrativos tiveram um impacto significativo na Capitania do Ceará e na Vila da Fortaleza e no espaço/lugar Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, pois acabaram integrando a sociedade, as instituições e sua obra Arquitetônica de múltiplas maneiras e sentidos, produzindo espaços/ lugares, que manifestaram as experiências de pessoas no nascimento de uma vida social e urbana na cidade de Fortaleza no início do século XIX.

Por fim, a Fortaleza de Nossa de Assunção surge dando um sentido de modernização de uma época em que a Capitania do Ceará, bem como a Vila/Cidade da(e) Fortaleza necessitavam de um símbolo que marcasse sua nova fase histórica: a autonomia administrativa adquirida em 1799. Assim, surgiu a Fortaleza, objeto/monumento, realizando a sinergia entre a matéria e as pessoas.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

Referências

. ANDRADE, Margarida Júlia F.S. *Fortaleza em Perspectiva Histórica: Poder Público e Iniciativa Privada na Apropriação e Produção Material da Cidade (1810-1933)*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2019.

ARARIPE, J.C. Alencar. Fortaleza e as cidades que nela coexistem. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.111, pp. 221-227, 1997.

BARROS, José D'Assunção. *Espaço, Geografia. Diálogos interdisciplinares*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. **Constituição (1824)**. Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 2 jun. 2024.

BRÍGIDO DOS SANTOS, João. *Ceará (homens e factos)*. Rio de Janeiro: Besnard Frères, 1919.

_____. *A Fortaleza em 1810*. Fortaleza: Thyphographia Economica, 1882.

_____. Ligeiras considerações sobre as lutas de 1824. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.2, pp. 3-8, 1888.

CASTRO, José Liberal de. Contribuição de Adolfo Herbster à forma urbana da cidade de Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.108, pp. 43-90, 1994.

_____. Cartografia Cearense no Arquivo Histórico do Exército. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.111, pp. 9-79, 1997.

_____. Bicentenário da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção: o caso singular de uma obra de arquitetura militar com função simbólica. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.126, pp. 43-90, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1984.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1991.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

FREIRE, Luna. Revolução de 1824. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.16, pp.223-232, 1902.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Trad. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. In RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp.9-23.

LEOPOLDI, José Sávio: *A Escola de samba, ritual e Sociedade*. Petrópolis: Vozes,1978.

LÖW, Martina. O Spatial turn: para uma sociologia do espaço. *Tempo social Revista de sociologia da USP*, São Paulo, v.25, n.2, pp.17-34, 2013.

MÜLLER, Ricardo Gaspar. *Razão e Utopia: Thompson e a História*. São Paulo, 2002.314p. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo.

NOGUEIRA, João. D. Bárbara e o Governador Sampaio. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Fortaleza, , t.42, pp. 106-113,129, 1929.

NOGUEIRA DA FONSECA, Paulino. Fortaleza do Ceará (Fortificação). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 2, pp. 121-135, 1888.

PEIXOTO, Eduardo M. A Fortaleza de Nossa Senhora da Assumpção. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.19, pp. 297-302, 1905.

RIBEIRO, Guilherme. Epistemologias braudelianas: espaço, tempo e sociedade na construção da geo-história. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF*, Rio de Janeiro, n.15, ano 8, pp.87-114, 2006.

SEMANÁRIO CONSTITUCIONAL, nº 40. Descrição das Festas officiaes havidas em Fortaleza a 29 de maio de 1831. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. 12, pp. 217-219, 1898.

STUDART, Guilherme. A administração Manoel Ignácio de Sampaio. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza. t. 30, pp. 201-247, 1916.

_____. *Datas e factos para a história do Ceará*. Fortaleza: Typ. Studart, 1896.

THÉBERGE, Pedro. *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará*. Fortaleza: Typ. Imparcial, 1875.



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024 **FAEC/UECE - CRATEÚS**

UMA festa em Fortaleza no tempo do governador Sampaio. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t.14, pp.271-274, 1900.